

Suelita Röcker, agricultora e pedagoga especialista em Educação Ambiental, voluntária da COESUS e 350.org Brasil

Renan Andrade, gestor ambiental e voluntário do Instituto Internacional Arayara

Primeiramente, a COESUS e a 350.org se solidarizam com a população do Rio de Janeiro, em especial com os parentes e amigos das vítimas dos temporais que despenham sobre a cidade nos últimos três dias, causados por influência das mudanças climáticas.

Ano após ano, a Agência Nacional do Petróleo segue insistindo em investir no rastro de destruição que é causado pela indústria de combustíveis fósseis no Brasil e em todo mundo. Todos sabemos que ela é a principal causadora da catastrófica crise climática global e também envolvida nos mais escandalosos casos de corrupção. Todos os dias, comunidades, indígenas, pescadores e representantes de movimentos sociais são reprimidos e impactados pelas ações dessa indústria – mesmo assim, o governo brasileiro não se constrange em continuar organizando rodadas de leilões para licitação de blocos para exploração de petróleo e gás.

Tanto não se constrange, como ignora informações técnicas que comprovam o impacto negativo dos empreendimentos para a biodiversidade de nosso país. Tal fato pode ser comprovado pela recente decisão do presidente do IBAMA, Eduardo Fortunato Bim, em simplesmente passar por cima de recomendações feitas pelo próprio órgão de fiscalização ambiental que preside, autorizando o leilão de sete blocos de petróleo localizados em regiões de alta sensibilidade.

Riscos de vazamento e contaminação agora podem fazer parte de uma das regiões que apresenta a maior biodiversidade do oceano Atlântico: o Parque Nacional Marinho dos Abrolhos, no estado da Bahia. Por causa da ganância, espécies endêmicas, aves, tartarugas, baleias, recifes e manguezais podem estar com os dias contados. Não é preciso ser especialista em meio ambiente para compreender que a permissão da exploração nessa região é uma grande irresponsabilidade.

Aqui no Rio de Janeiro já podemos entender um pouco do drama da crise climática. Desde segunda-feira, três pessoas foram mortas por causa de intensas chuvas. Esses eventos naturais extremos serão cada vez mais comuns em nosso país e em nosso planeta caso sigamos insistindo em explorações danosas ao meio ambiente. Milhões de pessoas serão vítimas das mudanças climáticas. Os combustíveis fósseis devem ficar no chão, evitando o aquecimento global que causa e causará mais eventos como esse vivido aqui.

Além disso, nós da 350.org Brasil e da COESUS reafirmamos a falta de transparência na condução do processo de leilões – fatos que acompanhamos desde 2013, quando iniciamos a campanha Não Fracking Brasil. Ao contrário do que acompanhamos nas ações da ANP, nós realizamos o trabalho de informar a população sobre os riscos e perigos da atividade petrolífera e seus impactos para a biodiversidade, economia, saúde da população e clima do planeta.

Nós da Coalizão Não Fracking Brasil pelo Clima, Água e Vida vamos seguir realizando centenas de audiências públicas, seminários, palestras e oficinas para capacitação, e mobilizando milhões de mulheres e homens, além de muitos jovens, para defender as reservas de água, o solo fértil e saúde das famílias.

As pessoas têm o direito inalienável de serem informadas que a extração de óleo e gás traz inúmeros problemas para água, para saúde e também para a economia. Para que investir em um sistema antigo e custoso se podemos iniciar a transição para uma economia baseada em energias renováveis? Dar espaço a projetos ligados aos combustíveis fósseis é ir em contrapartida a um movimento mundial. Estamos no caminho errado: precisamos entender de uma vez por todas que a capacidade do sistema terrestre de absorver a emissão de gases de efeito estufa já está esgotada e a única maneira de minimizarmos os efeitos colaterais do aquecimento global é protegendo nossos territórios, caminhando para um futuro com investimentos em fontes de energia 100% renováveis, limpas, justas e livres para todos em vez de ficar a mercê da contaminação, dos acidentes, vazamentos e da morte.

Nós, da Coalizão Não Fracking Brasil pelo Clima, Água e Vida e da 350.org Brasil e nossos milhões de apoiadores exigimos transparência e que a ANP aja com verdade para com a sociedade civil e aqueles que defendem a vida, investindo honestamente na transição energética em vez de esgotar o que temos de melhor: nossa biodiversidade. Precisamos banir o uso da técnica de fraturamento hidráulico conhecida como fracking nos ambientes onshore e offshore para exploração dos folhelhos pirobetuminosos ou folhelhos de xisto e mantos carboníferos metânicos, pois colocam em enorme risco a saúde pública e agricultura nacionais e o meio ambiente.